

Educação nota azul em Ceilândia

Escola financiada por banco privado oferece ótimas condições de ensino para os alunos e ainda promove cursos para a comunidade

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do **Correio**

Em 1997, a Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) constatou, por meio de uma pesquisa, um quadro da educação em Ceilândia. Foram distribuídos 1.352 questionários para diversas famílias da cidade.

Chegou-se à conclusão que desse universo pesquisado, 61,55% dos integrantes das famílias não haviam concluído o 1º grau. Apenas 12,56% tinham conseguido completar o 2º grau. Menos de 2% dos pesquisados conseguiram ingressar em um curso superior. Os analfabetos chegaram a 5,25%, os que sabiam ler e escrever a 3,62% e as crianças com menos de sete anos sem escolas atingiram 8,29% do total pesquisado.

Apesar dos números desfavoráveis, Ceilândia tem um bom exemplo de como pode reverter essa situação. Em 1998, a Fundação Bradesco investiu R\$ 3 milhões para manter uma escola com 1.985 alunos de 1º e 2º grau, todos moradores ou ex-moradores de Ceilândia. Desses estudantes, 1.888 pertencem à comunidade da cidade e 97 são ligados a funcionários da fundação ou do banco.

A escola oferece desde o uniforme e material didático até aulas de nataçã o e computadores que brevemente estarão ligados à Internet. Para ser

desligado da escola, o aluno tem que repetir de ano duas vezes ou três vezes em séries consecutivas.

A opção por Ceilândia se deu em 1986. Naquela época, a cidade era uma das mais carentes do Distrito Federal. As outras 36 escolas da fundação Bradesco espalhadas pelo Brasil — só em dois estados, Acre e Roraima, elas não existem — também ficam em lugares menos favorecidos dos estados. Além do ensino básico, a fundação ofereceu, no ano passado, cursos profissionalizantes para 2.350 moradores de Ceilândia.

“DAMOS PREFERÊNCIA ÀS CRIANÇAS MAIS CARENTES QUE MORAM PERTO DO COLÉGIO.”

Eliane Faber,
diretora da escola da Fundação Bradesco
em Ceilândia

HORTA

Lyzandre Vogt, 6 anos, mora com os pais e um irmão mais velho na QNN 19, em Ceilândia. Ao contrário de outras tantas crianças da sua idade que moram na cidade, Lyzandre estuda desde os cinco anos. Fez o pré-primário e se prepara para entrar no primeiro grau.

Simpática e desinibida, Lyzandre demonstra toda espontaneidade natural da idade ao responder sobre o que mais gosta de comer em sua escola. “Gosto dos biscoitos e dos ca-

chorros-quentes”, diz, para acrescentar logo depois: “Gosto também da sopa. É deliciosa”.

Os alunos da Fundação Bradesco contam com o trabalho de um nutricionista que prepara um cardápio especial para a merenda, de forma que a alimentação seja feita de forma balanceada. Na complementação do menu são utilizados os produtos colhidos na horta e no pomar produzidos pelos próprios estudantes.

Lyzandre, que quer ser professora da fundação quando crescer, mora com seus pais e o irmão Jonathan Vogt, de 8 anos. Seu pai, o desempregado Vital Vogt, 37 anos, perdeu o emprego em 1998. “Fui demitido junto com outros rodoviários da TCB”, conta. O sonho de Vital é matricular Jonathan, que atualmente estuda em uma escola pública, na fundação.

Segundo a diretora, Eliane de Cássia Faber, a escola abre e encerra as matrículas em um único dia. “Se não fizermos isso, os pais chegariam inclusive a dormir na porta da escola”, conta. A demanda é enorme. Neste ano, 770 candidatos disputaram apenas 120 vagas do pré-primário.

Os principais critérios usados para selecionar os novos alunos são a situação financeira e a proximidade das moradias com a escola. “Damos preferência às crianças mais carentes que moram perto do colégio”, afirma.

Carlos Vieira



Lyzandre Vogt, na horta da escola: alunos cultivam ingredientes da merenda

Evasão escolar é de apenas 2%

Os irmãos Édson Rafael, 14 anos, e Édson Elmadan, 10 anos, que moravam em Ceilândia, se mudaram com a mãe para o Recanto das Emas quando já estudavam na fundação. A menos de um ano, o pai dos meninos morreu. A distância da escola e a morte do pai, entretanto, não desanimaram os irmãos. Em 1998, Elmadan não se incomoda em acordar às 5h30, pegar o ônibus pouco depois das 6h e chegar na escola até 7h20. Rafael faz a 8ª série e quer se formar em Medicina ou em Direito.

Se conseguir uma vaga no pré-primário é difícil, depois então vira um obstáculo muito mais complicado. As poucas vagas abertas — a evasão na escola Fundação Bradesco é de até 2% por ano —, são concedidas preferencialmente aos irmãos dos alunos já matriculados, depois que suas notas e comportamentos passam por uma avaliação.

No 2º grau há uma boa oportunidade de se estudar na Fundação Bradesco de Ceilândia. Os interessados são submetidos a um teste que engloba Português, Matemática, Redação e Conhecimentos Gerais.

É o caso de Miquéias de Sousa Bezerra, 18 anos, que estudou na fundação até o ano passado. Ele faz um estágio no Incra, onde trabalha com computadores, e está prestes a conseguir emprego no banco que financia a instituição de ensino. Miquéias pretende prestar vestibular para algum curso ligado à área de informática.